

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO CURSO DE LICENCIATURA EM
PEDAGOGIA – CAMPUS CODÓ**

ADRIENE DE OLIVEIRA DA SILVA

**EIXO ORALIDADE: INVESTIGANDO PRÁTICAS DE ATIVIDADES NOS
ANOS INICIAIS DA U.E MARANHÃO SOBRINHO EM TIMBIRAS – MA**

CODÓ - MA 2022

ADRIENE DE OLIVEIRA DA SILVA

EIXO ORALIDADE: INVESTIGANDO PRÁTICAS DE ATIVIDADES NOS ANOS INICIAIS DA U.E MARANHÃO SOBRINHO EM TIMBIRAS – MA

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão - Campus de Codó, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Luis Henrique Serra

CODÓ – MA 2022

ADRIENE DE OLIVEIRA DA SILVA

EIXO ORALIDADE: INVESTIGANDO PRÁTICAS DE ATIVIDADES NOS ANOS INICIAIS DA U.E MARANHÃO SOBRINHO EM TIMBIRAS – MA

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão - Campus de Codó, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luis Henrique Serra (UFMA)
Orientador

Profª. Dra. Theciana Silva Silveira (UFMA)
1 Examinador

Profª. Dra. Kelly Almeida de Oliveira (UFMA)
2 Examinador

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

de Oliveira da Silva, Adriene.
EIXO ORALIDADE: INVESTIGANDO PRÁTICAS DE ATIVIDADES NOS
ANOS INICIAIS DA U.E MARANHÃO SOBRINHO EM TIMBIRAS - MA /
Adriene de Oliveira da Silva. - 2022.
47 f.

Orientador(a): Luís Henrique Serra.
Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão,
Codó, 2022.

1. Comunicação. 2. Eixo oralidade. 3. Práticas
docente. 4. Séries iniciais. 5. Timbiras. I. Serra,
Luís Henrique. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter me dado força, coragem, ânimo, por ter permitido que eu tivesse saúde, e determinação para a realização deste trabalho.

Aos amigos que a vida me presenteou ao longo desses 4 anos, por todo o apoio prestado, amizade, e, pelas boas energias que foram direcionadas a mim. Ao meu irmão, pelo entendimento e compreensão da minha ausência em diversos momentos que me dediquei a produção da minha monografia. Ao meu pai, que foi meu maior incentivador e me abraçou em diversos momentos que precisei.

A minha mãe, que mesmo distante, me ajudou e me encorajou incontáveis vezes. E a minha avó, Maria, por ser amiga, colo, ela foi minha força quando em muitos momentos, eu, duvidei não ter nenhuma.

Aos meus amigos mais próximos, Patrícia Conceição, Gisele Barbosa, Lizauria Medeiros, Francisco das Chagas, Jardiele de Sousa, Maria Patrícia, Rayane Seles, Denilson Medeiros, pessoas que convivi intensamente, grata por todas as trocas de experiências, as risadas, por tudo, que permitiram que eu crescesse, e evoluísse, como acadêmica, e também como pessoa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luís Henrique Serra, pelas contribuições, ajuda, sugestões, para a escrita do meu trabalho. A instituição, do Campus Codó, e todos os professores que tanto contribuíram para a minha formação.

E, agradeço a mim, Adriene, por não ter desistido, nem parado, quando eu tive vontade. Por ter lutado contra medos, inseguranças, e ansiedades nos últimos meses. Por ter me dedicado, tido forças, e esforços, valeu a pena. Eu fui incrível.

*Como maçãs de ouro em bandeja de prata
é a boa palavra dita no seu devido tempo*

Provérbios 25:1

RESUMO

A presente pesquisa intitulada *Eixo oralidade: investigando práticas de atividades nos anos iniciais da escola Maranhão Sobrinho em Timbiras MA*, teve por objetivo investigar, em práticas de sala de aula, as atividades inerentes ao eixo oralidade, realizadas pelos docentes de anos iniciais da Escola Maranhão Sobrinho, no município de Timbiras, no Maranhão. Os principais autores que embasam e dão suporte para reflexões e debates acerca do estudo foram: Bunzen (2011); Ferrarezi Jr (2014); Santos (2018) entre outros; textos com direcionamentos para a educação brasileira, como: a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017); Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998), Parâmetros Curriculares Nacionais para Séries Iniciais, que abordam em seus corpos pontos que dialogam com a temática da oralidade, elencando práticas de como realizar o trabalho com o eixo em sala de aula, o como fazer, o que saber, como ensinar, e a relevância. Evidenciando ainda, como se deu a inserção da comunicação oral em currículos escolares, passando pelos currículos silenciosos, chegando até a proposta de uma pedagogia e um currículo “barulhento”. Os autores referenciados colaboram na metodologia utilizada, de abordagem qualitativa, partindo da análise dos dados obtidos através de entrevistas com os docentes da escola, e observações de uma prática docente. A referida pesquisa se pautou em respostas dadas pelos professores efetivos da instituição. Portanto, concluímos que, o trabalho com o eixo oralidade nos anos iniciais da escola, tem sido desempenhada para a real finalidade do eixo na vida do aluno: propiciar ao aluno habilidades de comunicação em situações sociais, além de reconhecer a comunicação oral como aspecto fundamental para socialização, e a adoção de um currículo menos silencioso.

Palavras-chave: Eixo oralidade. Práticas docente. Comunicação. Séries iniciais. Timbiras.

ABSTRACT

The present research entitled Axis orality: investigating activity practices in the early years of the school Maranhão Sobrinho Em in Timbiras MA, aimed to investigate, in classroom practices, the activities inherent to the orality axis, used by teachers of early years from the Maranhão Sobrinho School, in the municipality of Timbiras, in Maranhão. The main authors that support and support reflections and debates about the study were: Bunzen (2011); Ferrarezi Jr (2014); Santos (2018) among others; texts with directions for Brazilian education, such as: the National Curricular Common Base – BNCC (2017); National Curricular Parameters of Portuguese Language (1998), National Curricular Parameters for Initial Grades, which approach in their bodies points that dialogue with the theme of orality, listing practices of how to carry out work with the axis in the classroom, how to do, what to know, how to teach, and relevance. It also shows how the insertion of oral communication in school curricula took place, passing through the silent curricula, reaching the proposal of a pedagogy and a “noisy” curriculum. The referenced authors collaborate in the methodology used, with a qualitative approach, starting from the analysis of data obtained through interviews with the school's teachers, and observations of a teaching practice. This research was based on answers given by the effective professors of the institution. Therefore, we conclude that the work with the orality axis in the early years of school has been performed for the real purpose of the axis in the student's life: to provide the student with communication skills in social situations, in addition to recognizing oral communication as a fundamental aspect. for socialization, and the adoption of a less silent curriculum.

Keywords: Orality. Teaching practices. Communication.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. RETOMADA AO BRASIL COLONIAL: A HISTÓRIA DA DISCIPLINA	13
PORTUGUÊS.....	13
2.1. Oralidade: início, conceitos e relevância	17
2.3. Silenciamento e suas cicatrizes	20
2.4. Gêneros orais em sala de aula.....	23
3. PERCURSSO METODOLÓGICO	26
3.1. Abordagem utilizada na pesquisa	27
3.2. Pesquisa bibliográfica.....	28
3.4. Pesquisa de campo	28
4. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA	30
4.1. Observação de prática docente.....	31
4.2. Questionário dos professores	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco realizar uma investigação sobre as atividades relacionadas ao eixo oralidade nos anos iniciais da Escola Maranhão Sobrinho, em Timbiras – MA. Buscando-se conhecer quais práticas do eixo da oralidade são utilizadas pelos docentes da escola pesquisada, bem como, as suas concepções a respeito do uso e inserção do trabalho com a oralidade em sala de aula, assim como a partir de entrevistas feitas com os docentes, problematizar a importância do trabalho com a linguagem oral na perspectiva dos docentes.

Com a maior supervalorização da escrita, a gramática ocupa um lugar de maior destaque nas aulas e no currículo. É certo que, a fala e a escrita estão entrelaçadas, e em vista disso, é fundamental que as manifestações e as práticas orais não sejam desconsideradas em sala de aula, ou pouco trabalhadas, conforme por muito tempo se fez nas aulas de língua portuguesa do Brasil.

Ainda que os documentos nacionais que regem o sistema educacional brasileiro, como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) e a BNCC – Base Nacional Comum Curricular (2017), abordem e referenciam de maneira bem explícita o ensino da oralidade em sala de aula, trazendo propostas de estratégias, objetivos, com embasamentos em toda diversidade existente de gêneros orais, e situações de uso, o eixo oralidade ainda continua sendo colocado como a tradicional prática de leitura em voz alta.

Sendo assim, o interesse em pesquisar sobre atividades inerentes ao eixo oralidade em sala de aula, precisamente em anos iniciais, surge a partir da observação de como o aluno

brasileiro tem pouca habilidade com o texto oral, o que nos motiva a fazer seguintes questões problematizadoras: Como o eixo oralidade está sendo trabalhado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em Timbiras – MA? Quais as práticas, metodologias? A pedagogia do silenciamento ainda é um ponto forte presente nas aulas? Alunos sendo preparados para serem personagens principais ou plateia? Tendo ainda como justificativa para a escolha do tema, o interesse por parte da pesquisadora pela temática desde o momento em que adentrou ao meio acadêmico.

Mediante o exposto, as questões problemas que norteiam o estudo, a análise e reflexão acerca da utilização do eixo oralidade nos anos iniciais tornam-se questões importantes a ser discutida, pois, a linguagem oral apresenta-se como um dos fatores fundamentais em nossas vidas, e deve ser trabalhada desde os primeiros anos escolares. Em vista disso, da importância que a fala tem para a construção do sujeito, bem como para a sua participação em sociedade, situações sociais, realizar um estudo sobre práticas do eixo em turmas de anos iniciais, anos esses onde muitas características são adquiridas pelos alunos é pertinente, pois, quanto mais cedo o aluno for inserido em atividades que desenvolvam nele habilidades comunicativas, bem mais preparado ele será para atuar em situações cotidianas e sociais.

Nesse sentido, a pesquisa tem por objetivo identificar, em práticas de sala de aula, as atividades inerentes ao eixo oralidade pelos docentes dos anos iniciais da escola Maranhão Sobrinho, em Timbiras – MA. De forma específica, buscou-se conhecer as práticas de oralidade utilizadas nos primeiros anos escolares da instituição, problematizando ainda, as metodologias, os conceitos e as concepções dos professores com relação ao uso da linguagem oral em sala de aula, assim como, pensar em estratégias e na importância de se trabalhar com a comunicação dos alunos desde esses primeiros anos que eles adentram a escola.

Em seu texto, a BNCC aponta direcionamentos e a finalidade do trabalho e uso de práticas correspondentes à habilidade oral para a formação do aluno. Diante disso, a respeito da utilização do eixo oralidade, a Base Nacional Comum Curricular (2017) aponta que:

Ao componente curricular Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/construídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BRASIL, 2017, p. 67-68).

Assim, muito mais do que apenas o ensino da gramática normativa, das regras, verbos, o componente curricular de Língua Portuguesa deve oportunizar situações, atividades que venham ampliar o letramento desse aluno, ou seja, para que ele saiba utilizar não somente e exclusivamente a modalidade escrita, mas, também a modalidade oral, e assim, seja um participante efetivo, crítico, em situações que exijam dele habilidades comunicativas em meio a uma sociedade que tanto exige posicionamentos.

Sendo assim, este trabalho possui uma abordagem metodológica de caráter qualitativo, com a análise dos dados obtidos por meio de entrevistas, mediante as narrativas dos próprios docentes da instituição de ensino municipal Maranhão Sobrinho, e pesquisas de natureza bibliográfica e de campo. Durante a pesquisa bibliográfica, foram analisados e estudados textos que abordam a temática, em forma de livros e artigos. E a pesquisa de campo ocorreu por meio de observações de uma prática docente, ocorrendo durante o período de estágio no Ensino Fundamental, e por meio de entrevistas com os educadores efetivos da escola, na coleta de dados.

Na busca em alcançar os objetivos propostos, a pesquisa terá como foco encontrar as respostas para essas indagações, bem como analisar e conhecer na realidade, de que forma o eixo está inserido no ambiente sala de aula. Haja vista que a comunicação é um dos fatores essenciais para o sujeito na vida em sociedade e pensar nela de modo complexo e integral é um elemento importante.

Outrossim, as próximas seções abordarão questões como: a configuração da disciplina Português ao longo dos anos, partindo desde o Período Colonial; A oralidade, os seus conceitos, e a sua relevância para a vida; O silenciamento e as cicatrizes que foram deixadas, as sequelas que o silêncio causa, e como por muito tempo se perpetuou esses currículos silenciadores; Os gêneros orais em sala de aula, a utilização destes no espaço escolar, as propostas, direcionamentos estabelecidos para o trabalho com a oralidade de acordo com o texto da Base Nacional Comum Curricular e os PCNs de Língua Portuguesa, e, mais adiante, os resultados obtidos através dos métodos de pesquisa que foram utilizados, como também, algumas discussões. Finalizaremos apresentando nossas conclusões e a lista de textos que foram consultados nesta pesquisa.

2. RETOMADA AO BRASIL COLONIAL: A HISTÓRIA DA DISCIPLINA PORTUGUÊS

O presente capítulo deste trabalho fará uma breve retomada histórica sobre a disciplina Língua Portuguesa, buscando assim, na linha do tempo, os caminhos que foram percorridos, os currículos estabelecidos, práticas, métodos, instrumentos que foram utilizados ao longo da história, e como se configurou a fabricação e inserção da disciplina Português no currículo escolar, e, certamente, de que maneira a comunicação oral era estabelecida no contexto vivenciado.

De acordo com Clecio Bunzen (2011, p. 888), no início do século XVI, a educação encontrava-se calçada em uma tradição oral e ligada às necessidades de cada grupo: o aprendizado se dava por meio da observação e do trabalho coletivo. Ou seja, no então século XVI, a educação era voltada para o convívio, a partir de observações feitas e ainda, do trabalho

coletivo realizado, e pautada em uma tradição oral, uma perspectiva e um contexto de educação "não formal", era então o período pré-descobrimento do país, e de uma nova maneira de educar.

Dessa forma, após a invasão, reconfigurou todo o contexto educacional existente, tinha início a partir de então, o período jesuíta no Brasil (1550 - 1759), com duas ideias, e, certamente, a sua educação com propósito e objetivo de formar um maior número de adeptos a fé católica no então Brasil Colonial. O período de educação jesuítica, com o lema de transformar "um povo agradável a Cristo", de acordo com o Padre José de Anchieta, tinha a seguinte organização: algumas horas para o aprendizado das doutrinas da religião católica, a disciplina do corpo, e o ensinamento de três elementos: escrever, contar e ler.

Com o propósito de alcançar esse maior número de pessoas adeptos ao catolicismo, o ensino oral do Português europeu foi aderido, bem como o aprendizado de línguas indígenas foi adquirido pelos evangelizadores para que ocorresse comunicação com os índios.

E, com a morte do Padre Manuel de Nóbrega, o ensino das letras e o aprendizado oral do Português, que era defendido por ele, foi tirado do currículo. Surge a partir de então, a *Ratio Araque Instituto Studiorum Societas Jesu* (1599), com um currículo totalmente voltado para a gramática, e um dos seus principais objetivos era que os alunos utilizassem de maneira correta as línguas latinas e gregas, e conhecessem clássicos, como: as cartas de Cícero, as poesias de Virgílio, leitura essa que eram realizadas em grego ou latim. Sendo assim, dentro do currículo da *Ratio Studiorum*, a língua materna ou nacional/oficial não tinha espaço algum voltado para o seu estudo, discurso e conseqüentemente o seu aprendizado e domínio. Contudo, com as Reformas Pombalinas (1750 e 1777), reformas essas que receberam grande influência do Iluminismo da Europa, o que fortaleceu a ideia de implementar o uso de uma língua oficial.

As Reformas Pombalinas acabaram influenciando essa expansão política da língua para uso nacional e fora do território nacional, sendo assim, a partir do ponto de vista político, tais reformas foram as grandes responsáveis no que diz respeito à obrigatoriedade do ensino da Língua Portuguesa no Brasil, pois, para que houvesse uma maior implantação e divulgação da "língua falada pelo príncipe" em terras que foram conquistadas, tornando-se necessário para essa política mercantilista e absolutista existente, que, ensinar a língua de uma metrópole para que ela fosse preservada e passada aos dominados era necessário. No contexto educacional, a Língua Portuguesa começou a ser utilizada em disciplinas nomeadas de Gramática, Retórica e Poética, já na segunda metade do século XVIII, com uma disputa enorme por espaço com o Latim, língua bastante utilizada nos currículos jesuítas.

Após reformas importantes no que se refere à nomeação como disciplina Português, reformas como: Reforma de Couto Ferraz (1854) e Reforma Leôncio de Carvalho (1878), que foram peças fundamentais para que se chegasse ao reconhecimento oficial e nomeado de disciplina Português, com objetivos bem explícitos e de que maneira deveria ocorrer o processo de ensino. Segundo Clecio Bunzen (2011, p. 896), em junho de 1931, a disciplina passa a ser denominada de Português, com objetivos e conteúdos fixados pelas instruções metodológicas para cada disciplina. Sendo assim, após 40 anos das Reformas Couto Ferraz e Leôncio de Carvalho, a disciplina passou a ter a nomeação atual, passando a contar com os seus objetivos, conteúdos bem específicos e quais as metodologias, métodos deveria trabalhar.

A disciplina de Português deveria realizar o trabalho com a leitura de textos, de literatura, com a ideia de "disciplinar a inteligência dos alunos", e a disciplina tinha também o objetivo de proporcionar uma aquisição de maneira efetiva da Língua Portuguesa ao aluno, para que ele fosse habilitado a se expressar corretamente, apresentando a ele o gosto da leitura de escritores bons, e ajudando na sua formação de espírito, pessoal e certamente uma educação literária boa. Além disso, o currículo em 1951 descrevia que as aulas de Português deveriam conter interpretação de textos, questões de gramática, exercícios da linguagem oral do aluno, dentre outras práticas.

Em 1951, mediante as leituras, nota-se que, o currículo existente dava prioridade aos exercícios práticos da gramática e dos textos de literatura, com objetivo de desenvolver habilidades no aluno, habilidade de comunicação, ou seja, falar e escrever bem, assim como cativar no mesmo, o gosto e o desejo pela língua do país dele, além do apreço pela literatura e leitura.

Em 1961, os Estados tiveram autonomia no que se refere à sua política educacional, com a Lei de Diretrizes e Bases - LDB, de 1961. Porém, o governo militar suspendeu esse liberalismo de 1961, através da Lei nº 5692, de 1971, voltando a educação para um modelo tecnicista, com foco no mundo do trabalho. Nesse período, as instituições de ensino utilizavam os meios de comunicação para que atingissem, através do rádio, da TV, as grandes massas de estudantes.

E, nesse mesmo momento da história, no período ditatorial, a disciplina passou a ter o nome de Comunicação e Expressão (1º grau menor) e Comunicação em Língua Portuguesa (1º grau maior). Para alguns pesquisadores, o termo "comunicação" marca uma influência da concepção de língua(gem) como uma forma de comunicação humana e não mais apenas de expressão estética (BUNZEN, 2011, p. 901)

Dessa forma, trazendo o debate para a questão da oralidade, o que estava em pauta era justamente o fato de que o aluno ele deveria ser não somente um receptor, mas também um emissor de mensagens, sejam elas verbais ou não. O foco passa a ser no processo de expressão e da comunicação, o valor que a oralidade tem em seus variados usos no cotidiano, e que juntamente com a leitura, estabelece e cria essa ponte para interpretação de textos dos mais variados e de múltiplas formas. A passagem dos anos 70 para os anos 80 foi marcada pela crise da leitura e da escrita, havendo inúmeras denúncias contra a atual forma de ensino do Português nas escolas, e a luta por uma democratização do ensino, era construído a partir dali o conceito do então "ensino tradicional de Português", e o urgente pedido de mudança

. O fim da década de 80 foi marcado pela crítica forte acadêmica às propostas contidas em livros didáticos de Língua materna, e pelo Decreto Presidencial nº 91.372, de 1986, que sugeriu mudanças no currículo e ainda no ensino de Língua que estava em vigor, retomando a então nomeação de disciplina de Português, extinguindo Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa.

Os anos 90 foi impactado pela reformulação de políticas públicas em esfera federal, do governo Fernando Henrique Cardoso, as políticas reformuladas foram: o Programa Nacional do Livro didático (PNLD) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). De modo geral, tanto os PCN quanto os objetivos do PNLD se direcionam para a proposta de um currículo que tenha foco em práticas de utilização da língua(gem) e de uma reflexão sobre os seus modos de uso. Eles reafirmam ainda as ideias como sendo essa unidade de ensino, e a diversidade existente de textos e linguística como sendo destaque fundamental para ensino de língua materna, bem como o ensino de gêneros orais e escritos sejam por sequência ou organizados.

Desse modo, Rojo (2000) sintetiza que:

a respeito da proposta estabelecida pelos PCN: as práticas de leitura/escuta de textos e de produção de textos orais e escritos estariam integradas na abordagem do texto como unidade de ensino para a construção do gênero como objeto de ensino e as práticas de análise linguística ou de reflexão sobre a linguagem seriam resultantes destas e estariam também interligadas nas práticas de uso da linguagem (ROJO, 2000, p. 35).

Dessa maneira, a disciplina passou a assumir essa perspectiva de trabalho com a linguagem e usar em diferentes gêneros e textos, espaços, contextos, que existem e circulam na atual sociedade contemporânea, afastando-se das ideias da perspectiva tecnicista e a visão reducionista da linguagem, que predominava nos anos 70 e 80. Portanto, observa-se através das ideias apresentadas anteriormente, que a disciplina escolar Português ao longo da história se

reconfigurou diversas vezes, para chegar até o atual currículo que é apresentado na escola brasileira.

Dentre tantas mudanças e reconfigurações, está o trabalho com as práticas orais, enfim, a comunicação oral, que foi colocado em evidência com a reformulação do PCN na década de 90. De acordo com Clecio Bunzen (2011, p. 901), a comunicação oral é considerada o elemento de integração principal entre a língua e os estudos sociais, encarados como um mecanismo de integração do educando ao meio. Reforçando mais ainda a relação que existe entre a comunicação, o uso oral do educando para esse processo de integração ao meio que ele está inserido. Portanto, a seção seguinte abordará sobre a utilização da oralidade no dia a dia, conceitos, relevância, e porque é importante saber fazer uso dela.

2.1. Oralidade: início, conceitos e relevância

A segunda seção deste trabalho abordará questões sobre de que forma a oralidade se faz presente em nossas vidas, bem como a tamanha e significativa importância que a comunicação oral no nosso cotidiano. A Literatura sobre o tema tem mostrado que, conforme será problematizado aqui neste trabalho, infelizmente, o trabalho realizado em sala de aula e as práticas pedagógicas que desenvolvam em nós habilidades comunicativas ainda são muito raras e também desprezadas no currículo escolar da escola brasileira. E, a consequência de tão pouco trabalho com esse elemento tão essencial a nós, que são as habilidades comunicativas que envolvem a fala, é uma quantidade enorme de alunos, pessoas que são aptas a produzir textos orais com qualidade, mas, que acabaram sendo silenciadas por não se sentirem capazes, a oralidade foi esquecida e desvalorizada na escola.

Podemos dizer que há poucas coisas que possamos considerar mais características da espécie humana do que falar. Nascemos tão preparados para aprender a falar que ninguém precisa nos ensinar: aprendemos sozinhos, apenas pelo ouvir. A nossa oralidade nos acompanha desde o nosso nascimento. A nossa habilidade de falar é tão natural que quando começamos a ouvir as coisas que são faladas a nós e as reações que chegam através das correntes sanguíneas de nossa mãe já conseguimos apresentar reações. Desde muito cedo, as crianças já são estimuladas a desenvolver a musculatura do aparelho fonador na mamada, para que mais adiante, elas sejam capazes de produzir sons da língua.

E, mais tarde, as crianças já são capazes de reconhecer vozes de pessoas, começam a entender falas como o "não", "bebê", quando o entendimento de primeiras palavras tem início. Um pouco mais a frente, elas, as crianças, já iniciam a comunicação com o uso da língua materna, ao pedir "dá", ao olhar para algo que ela deseja. A criança, antes, já se comunicava, mas de forma muito própria, chorando, berrando ou fazendo caretas. Passado um tempo, a criança já começa a fazer junção de palavras, de repente, é chegado o momento que foi descoberto o funcionamento da linguagem, descobrindo que é possível haver interação com os outros, e agora, de forma mais objetiva, contundente e clara.

Posteriormente, se descobre as inúmeras facetas que a língua possui, entendendo que ela pode ser recitada, cantada, dando conta de que as possibilidades de expressão são amplas e complexas é algo que ela já tinha conhecimento sobre, mas, não havia formado total consciência sobre, observando que a língua não é somente palavras, é também ritmo, rima, pode, por meio dela, expressar ódio, amor e outros sentimentos.

A criança ainda aprende sobre o uso do silêncio para algo que visivelmente não lhe agrada e a incomoda, aprendendo a não responder, a virar o rosto para uma situação, como se através dessa sua atitude saíssem palavras, uma frase "não quero papo com você", e terminou por ali mesmo. Com isso, após percorrer esse longo e tão rico caminho de informações, aprendizados, a criança já está fluente no que se refere às características de sua língua materna. A respeito da fluência em língua materna adquirida pela criança, Santos e Ferrarezi (2018) comentam que:

A essa altura dos acontecimentos, a criança já é fluente em sua língua materna. Ela está lá por volta dos seus 3 anos, mas já dá conta de se defender linguisticamente. Já conhece a fonética e fonologia dos idiomas, já domina as principais construções sintáticas, já aprendeu um bocado da pragmática da língua e consegue lidar muito bem com a maioria dos sentidos do que ouve (SANTOS; FERRAREZI, 2018, p. 16)

Dessa forma, a criança inicia sua caminhada linguística, conhecendo as regras que regem e dão sentido a língua falada por ela. Mas, afinal, quem a ensinou toda essa estrutura linguística? E a resposta para tais questionamentos é: ninguém a ensinou, o aprendizado foi desenvolvido naturalmente por ela, a história linguística dela já estava com reações e caminhos determinados desde o seu nascimento. É como se, a partir do dia que a criança veio ao mundo, ela já estivesse todo um cronograma a ser seguido, com etapas bem estabelecidas, até chegar a um objetivo final, no caso em questão, a inserção no mundo linguístico. Importante destacar o direcionamento à um público específico, no caso, a pessoa que nasce com o aparelho fonador,

que usa a fala. Não excluindo aqueles que não são hábitos a falar, e que não usam da voz para se comunicar, mas, de outras formas de comunicação.

E sendo assim, voltando para a questão, todo esse processo se deu através de interações sociais que ela foi inserida, desde competências de comunicação da oralidade - ouvir e falar - e, a partir, então da aquisição de tais competências comunicativas, ela, a criança, irá fazer uso da melhor forma possível, afinal, a nossa oralidade nos compõe da mesma maneira que as competências que temos de andar, para pegar dentre outras. É certo que, a criança com seus 3 anos de idade não tem uma concepção formada de tudo isso, ela só sabe fazer uso, e que a oralidade faz parte de nós. Nesse sentido, Santos e Ferrarezi Jr (2018) explicam ainda que:

Justamente por ser tão parte de nós, a oralidade ajuda a nos definir como somos. Nossa voz, nosso timbre, as palavras que usamos, a variedade linguística que aprendemos com todas as suas peculiaridades, as malemolências que criamos com nossa própria linguagem, o quanto falamos, o que gostamos de falar, tudo isso faz parte essencial daquilo que somos (SANTOS; FERRAREZI, 2018, p. 17).

E é exatamente sobre isso, a oralidade sim, nos compõe como seres humanos, é parte orgânica nossa. E a sua ausência é como se faltasse qualquer outra parte em nós. Ou seja, da mesma maneira que a nossa cor, a altura, cabelos, a oralidade é esse elemento que complementa e constrói nossa identidade pessoal. É coisa da gente, coisa bem nossa. A nossa oralidade, em muitas vezes, é o que nos retrata para as outras pessoas, e esse retrato pode ser tão marcante que acaba ocultando a nossa imagem exterior visível para os outros. Por exemplo, o que é falado, dito é mais considerado do que é feito. Pois, a fala é vista como esse meio que estabelece compromissos sociais, o que você diz a alguém tem tido mais valor no meio do social, do que as ações.

Temos, portanto, dentro de nós, esse imenso patrimônio pessoal que construímos durante toda a existência enquanto ser humano, é direito, e planejado desde a madre, conquistado com muito tempo de esforço, erros, acertos, choros, de mão na boca por falar alguma palavra indevida, mas também repleta de tijolinhos de beijos, cheiros, palavras de carinho, um "gosto de você" "eu amo você, papai". E, essa mesma oralidade nos conectou ao imenso mundo, e passa a nos representar como sendo ser-no-mundo, ser único, com peculiaridades, e a nossa singularidade. Muito além de apenas comunicação entre um emissor e receptor, muito mais do que ensinar a falar.

Marcuschi (2008, p. 53) enfatiza que ao ensinar a escrita, não se deve ignorar a fala, pois, a escrita reproduz a seu modo e com regras próprias, o processo interacional da conversação, da narrativa oral e do monólogo, para citar alguns.

Em vista disso, muito além de formas, de meios, a comunicação oral se configurou sendo esse elemento constituinte de uma fórmula que de simples, boba, não tem absolutamente nada, essa fórmula é o "eu". Não desenvolver, ou negar para o ser humano a sua oralidade é dizer não para o seu "eu", e certamente negando ao mesmo, inúmeras possibilidades durante a sua vida, e até mesmo direcionar ele a um caminho de infelicidade e de identidade negada. Todos esses questionamentos são válidos para todo e qualquer ser que exista nesse imenso mundo.

Dessa maneira, somos nós seres falantes. Apesar de haver outros tantos seres que se comunicam da sua maneira, como o papagaio, a baleia, o corvo, são seres bons nisso, nós sabemos, porém, nenhum dos mencionados fazem leitura de poemas em tom de declaração, não contam historinhas e nem cantam cantigas de ninar para os seus filhos, nem tão pouco cria justificativa para os seus erros, falando com voz de criança.

E nós fazemos todas essas coisas, sistemas linguísticos que ajudam a construir, inclusive, nossas personalidades. Todas essas coisas acima citadas são coisas bem nossa, coisa de ser humano mesmo. A partir do que foi exposto, por qual motivo a escola deixou/deixa a oralidade, o trabalho com a oralidade de lado, e trabalha com maior frequência a escrita e a leitura? A oralidade não é tão importante para a formação do aluno no ponto de vista da escola? Se ela é tão essencial para a nossa construção e faz parte de nós, o trabalho com a oralidade deveria ocupar os mesmos espaços que a leitura e a escrita estão ocupando no currículo escolar, para que, a ideia do currículo silencioso seja superada.

A seção a seguir abordará trechos que tratam exatamente dos currículos silenciosos em escolas do país, de que maneira eles estão inseridos nos ambientes escolares, as consequências da sua utilização, e a proposta de mudança de uma Pedagogia do Silenciamento para uma Pedagogia Comunicativa.

2.3. Silenciamento e suas cicatrizes

A seção anterior foi encerrada comentando sobre o silenciamento nos espaços escolares, o castigo físico, o milho atrás da porta, a palmatória, são umas das cicatrizes que silenciaram a alma de nossos alunos por séculos e que ainda estão nas lembranças. E assim, se puniam os

“levados”, os que não faziam uma leitura corretamente, não aprendiam as regras da gramática, e que precisariam ser “melhores alunos”. E se perpetuou por muito tempo, a dor, o castigo, o silenciamento, como forma e conceito de educação, de educar e silenciar.

E, atualmente, em nossas aulas de Língua Portuguesa, os mesmos nomes complicados, as regras, ainda estão lá, ocupando maior espaço nos currículos escolares. E as cicatrizes deixada por esses currículos silenciosos e silenciadores é uma multidão de alunos analfabetos, mas não analfabetos que não leem e escrevem, mas, que não sabem se comunicar em situações que exijam dele habilidades comunicativas. É certo que, na escola, desde o seu início enquanto instituição, a escrita é posta em um espaço de privilégio, pois o saber escrever e ler, representava poder e prestígio por serem habilidades que poucas pessoas possuíam. E o falar, era algo que todas as pessoas sabiam, colocando a oralidade como algo sem privilégio e valor.

Salientamos que, essa hegemonia da escrita sobre a linguagem oral se perpetuou até hoje. Apesar das mudanças nas propostas curriculares de ensino estarem avançando, ainda se tem o foco maior na leitura e escrita. Dessa forma, a oralidade ainda permanece no esquecimento, e o aluno dentro da sala de aula, ainda continua sendo o mesmo de décadas anteriores, sendo atingido por um turbilhão de assuntos que são colocados para ele, sem espaço algum para um debate sequer. E, continua o mesmo estudante calado, prestando atenção, e copiando em seu caderno o que o professor escreve no quadro. E até a explicação que o professor faz durante a aula, acaba não tendo importância, considerando que o aluno apenas copia o que está à frente dele.

Acontecimentos como esse, que conforme a BNCC (2017, p. 165) habilidade (EF67LP24) “tomar notas de aulas, apresentações orais...” são práticas que devem ser trabalhadas e desempenhadas desde o Ensino Fundamental. Em vista disso, a fala se constitui como sendo uma espécie de contrato, bem como um assinado, que deve ser tratado com ética e disciplina. Trazendo essa reflexão para o contexto sala de aula, o professor por meio da sua voz, pode desestimular ou estimular o seu aluno, através de uma prática ou de uma fala. O educador pode ferir mais de 20 pessoas de uma vez só, por ação ou linguagem. E isso irá gerar uma cicatriz.

A fala do aluno “eu não sei Português” se configura como uma das cicatrizes que o silenciamento deixa na vida do aluno. Como um aluno brasileiro não sabe Português? Mas, sim, infelizmente existem estudantes que não sabem a língua materna em sua integralidade. Não sabem, pois, o trabalho com a língua, a oralidade, foi realizado de maneira errada ou até mesmo nem trabalhada. E, assim, se constroem alunos mutilados intelectualmente, que tiveram

aulas vazias de significados, sentido e explicações, que tiveram sua fala criticada em algum momento, ou não permitida. Essas situações vividas certamente influenciarão e irão permanecer cicatrizadas em sua vida social por toda a sua existência. Conforme cita Antunes (2003) nesse trecho:

[..] o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, “deixa” a escola com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para fazer valer seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece a sua volta. Naturalmente, como tantos outros, vai ficar à margem do entendimento e das decisões de construção da sociedade (ANTUNES, 2003, p. 20)

E essas cicatrizes, sensação de incapacidade se perpetuam por todo o percurso da educação básica, adentrando até os espaços de Ensino Superior, onde muitos de nós chegamos nesse nível carregando uma bagagem repleta de medos, inseguranças, timidez e vergonha. Pois, as nossas habilidades comunicativas não foram trabalhadas no ensino básico, a posição que ocupávamos era de silêncio, e silêncio. Falar não era necessário. Ouvir, conhecer as regras da gramática, conhecer os verbos, conjugar palavras, sim. E isso de certa forma acabou influenciando em nossas vidas, em ações. E, por incrível que pareça, mesmo após tantos anos, hoje, a sala de aula ainda ensina basicamente e exclusivamente os mesmos conteúdos. E as outras cicatrizes deixadas aparecerão nos parágrafos seguintes.

Santos e Ferrarezi Jr (2018, p. 22) dizem, hoje temos um monte de surdos e mudos que não são pessoas com necessidades especiais nas nossas escolas. E, tudo isso, devido ao fato de a escola ser colocada em uma perspectiva de escola-igreja, onde o ficar quieto na frente do seu professor é um sinal de respeito, bom comportamento e disciplina, e o falar seria ir contra todo esse padrão do bom aluno. Dessa maneira, o então visto como sendo uma pecaminosidade falar, e juntando também a posição de maior prestígio que a escrita tem no currículo da escola, as crianças foram silenciadas, muita das vezes através de ameaças, castigo, para alcançar um certo domínio sobre elas.

Pois, a ideia que é convencida até nos dias de hoje, é a de que o bom aluno é justamente o aluno calado, quieto, esquecendo completamente que naquela carteira existe uma criança que irá crescer, se desenvolver, e precisar fazer uso da comunicação em situações exigidas pela vida, e o silêncio não será a melhor opção. Esses surdos e mudos que os autores colocam são meninos e meninas que possuem aptidão para falar e ouvir biologicamente, porém, lhes foram negadas possibilidades de desenvolverem competências da oralidade, sobrevivendo e vivendo

com oportunidades raras, ou inexistentes para exporem ideias com clareza, previsão e sem ter coragem em abrir a boca ao estar frente à "gente mais importante".

Diante de tanto silenciamento, muito potencial é deixado de ser desenvolvido, explorado, e fica por isso mesmo, tanto potencial que poderia ser usado para coisas favoráveis, mas não foi, porque abrir a boca foi considerado falta de educação, crime, falta de respeito, e precisava ser reparado tal falha, mau caráter. E por mais incrível e contraditório que pareça ser, a mesma escola que silencia o aluno em sala de aula, em eventos escolares, exige que o aluno se apresente frente à outras pessoas, ler poema e até mesmo cantar. O resultado é o esperado, a criança gagueja, treme, chora, não consegue se expressar, "fala para dentro", e os outros dão risada. Com o pensamento que "mais para frente" eles vão aprender, a escola deixa exatamente como está, os métodos, alunos inseguros, e sem confiança alguma em si próprio, exatamente assim, com muita gente com medo de falar.

E tudo isso precisa ser revisto com urgência, competências da oralidade não se trata de um dom, é fruto de um trabalho organizado. Romper com essa pedagogia de silenciamento é necessário, é para hoje. É chegada a hora de fazer barulho, de formarmos mentes barulhentas, e comunicativas. Rever práticas e estabelecer e proporcionar situações que favoreçam essa construção e desempenho comunicativo dos nossos alunos. Chega de silêncio. Portanto, as ideias debatidas e analisadas no decorrer da seção, reforçam a urgência da mudança dos currículos escolares, com um olhar voltado para o trabalho com a comunicação oral em sala de aula, a relevância da oralidade para o ser humano é gigantesca, e constrói identidades, e nos define enquanto seres falantes. Ela nos acompanha desde o início de tudo, e faz parte de nós.

A seção seguinte, abordará a questão dos gêneros orais em sala de aula, trazendo direcionamentos contidos em documentos nacionais como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017) e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997), documentos estes que regulamentam e apresentam em seus textos diversos caminhos para serem seguidos no que se refere ao trabalho com a oralidade em sala de aula. Abordando também o processo de inserção desses gêneros nas práticas dos docentes da escola brasileira.

2.4. Gêneros orais em sala de aula

Os gêneros orais precisam ocupar espaço no currículo de Língua Portuguesa, e demais componentes, sala de aula e livros didáticos. Apesar da crescente discussão a respeito da temática da oralidade, na prática isso ainda não se efetivou. E, isso se deve exatamente a

hegemonia da modalidade escrita. Os gêneros textuais na modalidade oral contribuem de maneira significativa no que se refere à oralidade dos nossos alunos, e no objetivo de construir cidadãos com potencial crítico, mediante a essa sociedade que se encontra tão carente de valores.

Dentro das salas de aula, alguns professores não sabem como realizar um trabalho com os gêneros orais, justamente por conta do pouco conteúdo que é favorecido a respeito da temática nos livros didáticos, uma vez que, o livro é tido como o principal instrumento de ensino. E, por considerar o uso corretamente da escrita como sendo o esperado, ou seja, esperase que, esse aluno saiba escrever, e a fala seja algo menorizado. O que se configura como sendo, de fato, uma falta ou não desejo de aceitação da fala como algo que precisa ser abordado e trabalhado na escola, o que se constitui como uma prática errônea, pois, bem antes de escrever e ler, já se faz o uso da fala.

Enquanto sujeitos, a todo instante fazemos o uso de gêneros orais, partindo dos que são mais básicos até os que possuem maior complexidade, e, adequamos esse gênero e a linguagem ao ambiente em que ele está sendo utilizado, o que é uma característica da dinamicidade que constitui o gênero. Para tanto, o trabalho com os gêneros orais deve ser oportunizado pela instituição escola, e isso exige todo um planejamento de ação pedagógica que seja capaz de dar um direcionamento para o aluno falante, para que ele seja capaz de identificar gêneros que são produzidos, e utilize de maneira adequada à situação.

Contudo, as práticas de fala e escrita dão encaminhamentos a construção de textos com coesão e coerência dentro do espaço escolar, sendo assim, são complementos, e com representações diferentes, como Marcuschi (2003), menciona:

A escrita não pode ser tida como uma representação da fala [...]. Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo de letras, cores e formatos [...]. Oralidade e escritas são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. (MARCUSCHI, 2003, p. 17)

Ou seja, a utilização da escrita e também da fala na sociedade constituída por letrados, deixa evidenciado que, a oralidade tem ocorrido de maneira insuficiente, uma vez que, um ser letrado tem sido focado somente ao domínio da modalidade escrita. E, os gêneros orais devem estar inseridos nas práticas docentes como um apoio ao processo de letramento do aluno, sendo importante o trabalho com a oralidade, para que assim, a escrita não seja vista e utilizada como

única e exclusiva forma de ensinar, mas, que um trabalho direcionado a comunicação oral ocorra na mesma medida que existe para a escrita.

Evidentemente, o trabalho com os gêneros orais formais é o que precisa ter um debate maior em sala de aula, pois, os gêneros orais que acontecem de maneira espontânea já é algo que o aluno conhece, e dispensa ensinamentos. E, muitas são as formas de gêneros textuais orais que constituem a realidade da escola, são exemplos: entrevistas, debates, reuniões e outros. Dessa forma, o grau de formalidade que os gêneros contam, tem sua determinação baseada no lugar que ocorre a comunicação. Uma das contribuições positivas que os gêneros orais ditos formais, e em outras formas, é justamente a possibilidade que o aluno tem de ter contato e conhecimento da enorme diversidade linguística que o rodeia.

A partir disso, trabalhar com os inúmeros textos que são disponibilizados pela mídia, por exemplo: os noticiários, documentários, jornais, e outros, transportam os alunos para situações do cotidiano deles, reais e que fazem sentido para eles. Com relação ao uso dos gêneros orais, Dolz e Schneuwly (2004) comentam:

Os gêneros orais [...] são instrumentos – ou melhor, megainstrumentos, visto que podemos considerá-los como a integração de um grande conjunto de instrumentos num todo único – que fazem a mediação da atividade de linguagem comunicativa. Falta-nos ainda escolher, dentre uma enorme variedade de gêneros, aqueles que podem, e talvez mesmo devam, tornar-se objeto de ensino. Já que o papel da escola é sobretudo o de instruir, mais do que o de educar, em vez de abordarmos os gêneros da vida privada cotidiana, é preciso que nos concentremos no ensino dos gêneros da comunicação pública formal. Por um lado, [...] exposição, relatório de experiência, entrevista, discussão em grupo etc [...] e, por outro lado, aqueles da vida pública no sentido lato do termo (debate, negociação, testemunho diante de uma instância oficial, teatro etc.) (DOLZ, SCHNEUWLY, p. 174)

Dessa maneira, a utilização dos gêneros orais, permite que novos caminhos e habilidades no que se refere a ação linguística sejam adquiridos. Sendo assim, é de suma importância, pessoal e social que o docente passe a utilizar e considerar em suas atividades pedagógicas, o significativo valor que a oralidade tem para a construção do sujeito, considerando o que diz no texto da BNCC (2017, p. 189) que “[...] as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram”.

3. PERCUSO METODOLÓGICO

Com o objetivo de encontrar as respostas para o problema de pesquisa, as indagações, dúvidas, a respeito de como o trabalho com o eixo da oralidade vem sendo trabalhado em anos iniciais da escola pesquisada, e na ideia de buscar contribuir no que se refere à importância e à necessidade de colocar o eixo como sendo um elemento de suma importância e relevância para a construção do ser social, a pesquisa se organizou a partir de alguns princípios metodológicos. As ferramentas, instrumentos utilizados para a concretização desta pesquisa, foram: pesquisa

de caráter bibliográfico e pesquisa de campo e a abordagem contida no trabalho é de cunho qualitativa.

3.1. Abordagem utilizada na pesquisa

Um dos caminhos percorridos no quesito da metodologia utilizada na pesquisa foi a abordagem de cunho qualitativa, cujo o seu caráter nos apresentou dois instrumentos distintos: a pesquisa bibliográfica ou exploratória e a pesquisa de campo, ambas sendo abordagens metodológicas relevantes para a pesquisa que se buscou fazer neste trabalho.

Na abordagem de cunho qualitativa, para os autores Pope e Mays (2005), o método qualitativo de pesquisa está relacionado a algo conexo à vivência dos indivíduos e a interpretação do fenômeno humanos e sociais. Sendo assim, na perspectiva dos autores:

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem as suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.) em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (POPE; MAYS, 2005, p.13)

Sendo assim, a abordagem qualitativa, constitui-se sendo um método que busca respostas para os problemas pesquisados a partir da visão, opinião do pesquisado, buscando verificar causas, enfoques, a partir da análise, não objetiva e quantitativa, das informações dadas pelos sujeitos da pesquisa. Ainda sobre a utilização da abordagem qualitativa como meios para responder pesquisas, Popes e Mays (2005, p. 14) comentam que, os métodos qualitativos e quantitativos estão sendo cada vez mais usados juntos para responder a questões de pesquisa.

Nesse estudo, a abordagem teve o propósito responder às perguntas da pesquisa, reforçando assim, a ideia apresentada pelos autores a respeito da finalidade dos métodos de análises utilizados em estudos e julgamos que a pesquisa com uma abordagem qualitativa seja a melhor forma para analisar o fenômeno e o objeto em questão nesta pesquisa.

Portanto, o método de pesquisa com caráter qualitativo, possibilita diferentes meios de se pesquisar, investigar e produzir, analisar dados, coletar, durante a realização do estudo, no caso da pesquisa em questão, que buscou investigar práticas de atividades relacionadas ao eixo oralidade nos anos iniciais, contou com os instrumentos: pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo.

3.2. Pesquisa bibliográfica

Na etapa da pesquisa bibliográfica, ou levantamento bibliográfico, contou com a fundamentação e utilização de textos que abordam sobre a temática da oralidade, mais especificamente em sala de aula, questão essa, que o trabalho se pautou. Desse modo, no período da revisão da bibliografia foram consultados trabalhos e obras de autores como: Celso Ferrarezi Júnior, Robson Santos de Carvalho, Clecio Bunzen, Vanda Maria Elias, trechos da Base Nacional Comum Curricular, que contêm os direcionamentos e os objetivos para se trabalhar com o eixo oralidade em sala de aula, Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, e os Parâmetros Curriculares Nacionais para Séries Iniciais, pois, em seus textos, também abordam a respeito da temática pesquisada, e outros, foram consultados e estudados, a fim de contribuir na escrita e conclusão deste trabalho.

De acordo com Severino (2007), a pesquisa bibliográfica configura-se como um:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p. 122)

Dessa maneira, a pesquisa feita da bibliografia existente e disponível pode ser vista como um exame do tema em questão, consistindo como sendo um encontro de informações, dados, textos, onde a utilização dessas fontes contribuem de forma direta na base teórica do estudo, investigação e também no desenvolvimento e conclusão da pesquisa. Muito mais do que uma mera repetição de temas, a análise bibliográfica trata-se de revisar o que já foi abordado do tema, desenvolver conhecimento, e de certa forma, dialogar com a literatura existente, a fim de buscar novas conclusões e ideias da temática.

3.4. Pesquisa de campo

Considerando que conhecimento nunca é demais, bem como o objetivo da pesquisa em realizar uma investigação de práticas referente ao eixo oralidade em sala de aula, o estudo contou com uma Pesquisa de Campo, no intuito de buscar respostas no campo investigado, considerando o mesmo como sendo uma fonte rica de informações, dados, e fatores a serem observados.

Para Gonçalves (2001) a pesquisa de campo pode ser assim definida

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...] (GONÇALVES, 2001, p. 67)

Dessa maneira, a Pesquisa de Campo ocorreu na Unidade de Ensino Maranhão Sobrinho, localizada na cidade de Timbiras, no Estado do Maranhão, especificamente com professores da instituição e que lecionam em anos iniciais do Ensino Fundamental. Durante a realização da pesquisa, foram utilizados diferentes técnicas e instrumentos para coletar os dados, instrumentos estes selecionados tendo como base a abordagem metodológica utilizada no trabalho, sendo eles: observação e o questionário. O instrumento da técnica respondida foi um questionário (Apêndice A).

A observação da prática docente se deu entre os meses de fevereiro e março do ano de 2022, no período do estágio da pesquisadora, em uma turma de 2 ano, no turno matutino. A prática de observação ocorreu em dias de quarta e quinta-feira. O instrumento questionário foi aplicado com todos os docentes efetivos da instituição, todos professores dos anos iniciais da escola, atendendo assim, ao objetivo da pesquisa a ser realizada.

As perguntas a serem respondidas pelos docentes eram todas abertas, com o intuito de conhecer as noções, as práticas e como a utilização do eixo oralidade pelos docentes do espaço escolar pesquisado ocorre. Com relação às perguntas, tomamos como parâmetro o que orientam Pope e Mays (2005), quando afirmam

(...) que as boas perguntas nas entrevistas qualitativas devem ser abertas, neutras, sensíveis e claras para o entrevistado. Listou seis tipos de questões que podem ser perguntadas: aquelas baseadas no comportamento ou na experiência, na opinião ou no valor, no sentimento, no conhecimento, na experiência sensorial e aquelas sobre detalhes demográficos ou de formação (POPE; MAYS, 2005, p. 23)

Portanto, as perguntas que foram apresentadas aos docentes da Unidade de Ensino Maranhão Sobrinho dialogam com a afirmação dos autores acima, pois, o questionário aplicado, exigiu dos professores respostas baseadas em suas vivências próprias, de acordo com sua experiência, e, opinião pessoal, uma vez que, um dos objetivos da pesquisa era o de conhecer práticas de oralidade utilizadas por eles, e suas concepções a respeito do tema.

4. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA

Inicialmente, estabelecemos contato com 11 (onze) professores efetivos da Unidade de Ensino Maranhão Sobrinho, e, entregamos a eles, um questionário impresso, e de forma presencial, uma vez que as aulas já haviam retornado no município, o contato direto com eles foi possibilitado. Dos 11 questionários entregues, 11 foram devolvidos e com respostas em todas as questões apresentadas. O questionário contou com um total de 11 (onze) questões abertas.

A identificação dos sujeitos participantes da pesquisa se dará através da seguinte sequência: docentes Laura, Sara, Livia, Beatriz, Lucia, Carol, Estela, Maria, Bruna, Lucas e Felipe. Esses nomes fictícios foram adotados respeitando o que foi dito a eles no momento da aplicação do questionário, por questões de ética, e em preservar identidade, e não realizar exposição dos docentes. A pesquisa com os educadores da instituição se deu entre os dias 24

de abril de 2022 e 18 de maio de 2022, levando em consideração o período em que foram entregues os questionários e quando foi obtido o retorno.

4.1. Observação de prática docente

Durante a observação da prática pedagógica de uma professora da Escola Maranhão Sobrinho, ficamos em uma turma com uma a professora que é efetiva e atua em uma turma de 2 ano, no turno matutino. A partir dessa observação, percebemos que, a docente observada tem atendido no sentido de alcançar os objetivos propostos na BNCC para o desenvolvimento do aluno.

No aspecto e as práticas relacionadas à oralidade, constatamos que, a docente se apropria de metodologias significativas. Dentre as estratégias utilizadas, e que pudemos observar, estão: o agradecimento, o uso das palavras mágicas (obrigado, por favor, com licença), a explanação e produção de gêneros por parte dos alunos, como: produzir uma receita, entrevistar um colega ou os pais, produzir um texto oral à frente da turma, além da prática da professora em trabalhar a fluência linguística dos alunos. Esta última estratégia se dava de forma individual, após a leitura para ela de determinado texto, e, a partir das observações feitas mediante o desempenho do aluno, ela passava a ter uma atenção extra onde estava a dificuldade do aluno.

No entanto, em um dos dias de observação, uma fala dita pela docente nos chamou atenção. Um dos alunos, ao ter que fazer a produção do texto na forma oral, a frente da turma, questionou a professora o porquê dele está ali, para todos o verem lendo. A docente, em meio ao questionamento, respondeu para todos ouvirem que: “Um dia vocês vão precisar fazer isso outras vezes. A vida e os próximos anos que vão vir, colocaram vocês nesse modelo aqui, bem a frente, e falando. Isso vai servir é para vocês mesmo, viu?!”. E, isso se configura como uma ideia interessante, pois de fato, a vida um dia os colocará em situações parecidas como a proposta pela docente, e, os alunos devem estar atentos e preparados para atender tal exigência.

Portanto, a observação realizada, constatou que, a docente que teve a sua prática observada, atende e utiliza de estratégias que contemplam no desenvolvimento do aluno, tanto em habilidades comunicativas, como social. Além de entender que, o preparo do discente, deve iniciar na base mesmo, no começo, para que em próximos períodos/anos, essa construção do aluno, seja aperfeiçoada ainda mais. Tais práticas observadas ocorreram de forma contínua, ou seja, a docente utilizava estratégias durante todas as aulas por ela ministrada. As atividades

iniciavam-se logo na entrada dos alunos em sala de aula, onde a professora exigia que os alunos se cumprimentassem com um bom dia, e logo após, a aula tinha início com a produção de um texto oral feita por um aluno, texto esse se configurando como sendo vivido por ele, ou algum produzido por outro, como um poema, ou a cantiga de uma parlenda.

4.2. Questionário dos professores

Questão 1.

Sendo assim, todos os professores que participaram da pesquisa são efetivos do município de Timbiras Maranhão.

Questão 2.

O presente estudo teve por objetivo realizar uma investigação de que forma as práticas relacionadas ao eixo oralidade acontece em anos iniciais do Ensino Fundamental, na Unidade de Ensino Maranhão Sobrinho. E, os onze (11) docentes se encaixaram no perfil de participante da presente pesquisa, todos possuindo experiência em anos iniciais.

Questão 3	Você conhece as orientações sobre o ensino de oralidade na BNCC?
Laura, Sara	Sim. Mas ainda em fase de aprendizagem.
Lívia, Beatriz	Sim.
Lucia, Carol, Bruna	Algumas partes.
Estela	Não.
Maria, Lucas, Felipe	Sim.

Quadro 3: Orientações do eixo na BNCC

Fonte: Entrevista

Os docentes Laura, Sara, Lívia, Beatriz, Maria, Lucas, Felipe afirmaram conhecer as orientações contidas na BNCC, para a realização do trabalho com a comunicação oral dos alunos. Outros 3 docentes conhecem apenas algumas partes dessas orientações. E, o docente Estela, que não as conhece. Acerca do conhecimento sobre a língua, textos, a Base Nacional Comum Curricular (2017), considera que:

Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a normapadrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/ campos de atividades humana (BRASIL, 2017, p. 67)

Dessa forma, o conhecimento acerca dos direcionamentos dados em textos educacionais, como a Base Nacional Comum Curricular, é necessário, uma vez que, a necessidade de termos mais alunos participativos, e formados linguisticamente só vem crescendo, sobretudo por conta da demanda social de participação dos indivíduos, que, cada dia é mais exigida. Com relação ao trabalho com a oralidade em sala de aula, a questão 04 do questionário recebeu os seguintes comentários:

Questão 4.	Você trabalha com o eixo oralidade em suas aulas?
Laura	Sim. Através de rodas de conversas, leitura em voz alta, contação de historinhas e poemas.
Sara, Livia, Beatriz, Lucia, Carol, Estela	Sim
Maria, Bruna, Lucas, Felipe	Sim

Quadro 4: Trabalho com o eixo oralidade

Fonte: Entrevista

A respeito do trabalho/utilização do eixo oralidade em sala de aula, todas as respostas que nos foram repassadas confirmaram o uso de práticas referentes ao eixo em suas aulas, um dos entrevistados especificou quais são seus métodos. Obviamente que todas as professoras dirão sim para uma questão como essa, no entanto, é necessário entender quais são essas práticas. Ao longo do questionário buscamos entender e localizar essas práticas. Nessa direção, é importante lembrar que a escola deve assumir para si a tarefa de promover a aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta de textos orais em contextos públicos dos mais variados (VANDA MARIA, 2011, p. 32)

A parti das respostas dadas pelos participantes desta pesquisa, as práticas docentes que desenvolvem capacidades comunicativas relacionadas à oralidade têm sido promovidas em sala de aula. Nesse sentido, essas docentes atendem uma demanda colocada a instituição escolar, que é promover uma aprendizagem e desenvolvimento linguístico dos alunos.

Questão 5	Na sua opinião, qual a finalidade de trabalhar a oralidade do aluno em sala de aula?
Laura	É de suma importância, pois é através dela que ocorrem a interação e a construção do conhecimento
Sara	É importante pois propicia não apenas saber se comunicar no meio social mas saber escutar com respeito os mais diferentes tipos de interlocutores
Livia	Trabalhar oralidade com o aluno é ensiná-lo a saber ouvir e respeitar a opinião do outro
Beatriz	Para propiciar ao aluno saber se comunicar em diversas situações e também aprender a ouvir e respeitar a opinião dos demais

Lucia	Trabalhar a oralidade em sala de aula proporciona o aluno a aprender a se comunicar e ouvir os colegas e o professor, enfim ensina saber ouvir e respeitar opinião dos colegas e de outras pessoas
Carol	É fundamental trabalhar a oralidade na sala de aula, ajuda o aluno a se desenvolver na comunicação na escuta e no desenvolvimento com os colegas professores etc
Estela	O diálogo com o aluno é sempre importante
Maria	Podemos dizer que, o uso da língua oral propicia para o aluno não apenas saber se comunicar com as diversas instâncias sociais, mas, sobretudo o ensina a saber ouvir e respeitar a opinião do próximo
Bruna	A oralidade do aluno é essencial no processo de ensino. Pois ao se ensinar de forma adequada, o aluno adquire muitas habilidades, como interpretar um texto sem muita dificuldade, falar em público. A oralidade em sala de aula traz muitos benefícios futuros para os alunos, no caso de uma entrevista de emprego ou falar com uma autoridade
Lucas	Contribui muito ao aluno em sua capacidade linguística no quesito fala e escuta
Felipe	De suma importância para o desenvolvimento psicomotor da criança

Quadro 5: Finalidade do trabalho com a oralidade**Fonte:** Entrevista

É certo que, a gramática normativa ainda ocupa um lugar bem maior dentro do currículo escolar, e que, o trabalho com a oralidade por muito tempo não teve devido valor, uma vez que, falar é algo que o ser humano domina, e se aperfeiçoa ao longo do tempo, e a escrita foi vista como privilégio em alguns períodos da história, como o Brasil Colonial.

Na visão dos docentes, a oralidade tem sido vista como importante, justamente no sentido de se comunicar em diversas situações, em interação professor-aluno, aluno-aluno, e no meio social. Destacamos a finalidade de trabalhar a oralidade do aluno em sala de aula, colocada pelos docentes, como aprender a escutar e respeitar opiniões diferentes e um caminho para o desenvolvimento da expressividade. É interessante observar como as docentes atentam para a importância do ensino da oralidade e o quanto ele é importante para as funções sociais e cidadãos do aluno. Nessa direção, Santos e Ferrarezi (2018) tratam sobre o falar e ouvir comentando que:

Ouvir e falar são coisas aprendidas conjuntamente. Desde a ética social mais básica para o diálogo até a produção do discurso mais elaborado, essas atividades se interrelacionam de uma forma tão essencial que é impossível isolá-las. Há muito se sabe que quem não sabe ouvir não é bom falante (SANTOS; FERRAREZI, 2018, P. 3334)

Para tanto, a visão de que a oralidade contempla no sentido de que, além de se desenvolver uma melhor comunicação, ela também favorece na escuta do aluno, pois enquanto um aluno está trabalhando sua habilidade (fala), por exemplo, lendo um jornal, uma carta, em

uma roda de conversa ou em um debate público, ou em uma reunião de negócio, os demais colegas, desenvolvem outra habilidade, no caso a escuta, sendo contemplado em uma só prática, duas habilidades comunicativas.

Na pergunta 06 do questionário, buscamos atentarmos para os detalhes do trabalho com a oralidade em sala de aula.

Questão 6	Quais metodologias, práticas de oralidade você utiliza em suas aulas?
Laura	Uma das práticas é trabalhar com textos, pois o mesmo tem como finalidade desenvolver habilidades de oralidade de leitura e de escrita
Sara	Textos
Lívia	Através de uma roda de conversa conta-se uma história e aproveito esse momento em que os alunos escutam sobre o tema e posteriormente haja a discussão, uma interação entre eles, trabalha-se também, parlandas e cantamos
Beatriz	Contação de histórias, rodas de conversa e leitura em voz alta
Lucia	Leituras em voz alta. Roda de conversa, contagem de história, brincadeiras, e utilizo também atividades nas quais possa exercitar os alunos a produzir texto e também estimule a criar ou recriar histórias ouvidas e vividas
Carol	A leitura compartilhada, roda de conversas, palestras, trabalhos em grupo atividades leves e divertidas. Incentivo a leitura, nos quais possa exercitar os alunos a produzir textos e também estimule a criar ou recriar histórias ouvidas e vividas do seu dia a dia
Estela	Leituras de textos relevantes ao conteúdo, dando a oportunidade do aluno participar com leituras
Maria	Contação de histórias, leituras em voz alta e rodas de conversa são algumas das atividades nas quais crianças e adolescentes podem exercitar a produção do texto oral
Bruna	Leitura em voz alta e rodas de conversas com os alunos
Lucas	Gosto de trabalhar com gêneros textuais pois eles auxiliam nesse processo
Felipe	Rodas de conversas sobre historinhas de linguagem

Quadro 6: Metodologias utilizadas

Fonte: Entrevista

O quadro 6 aborda as respostas para o problema de pesquisa apresentado. As práticas relatadas pelos docentes, ainda que a leitura em voz alta seja colocada como prática exclusiva, atividades que favorecem no desenvolvimento comunicativo, como palestras, e o trabalho com os gêneros textuais, aparecem como sendo utilizados em sala de aula. E, se configura como importante fator, uma vez que o trabalho com os gêneros textuais existentes possibilita ao aluno o contato com meios diversos de textos, e familiarizá-lo no mundo linguístico.

Por outro lado, a grande maioria das respostas dadas são de práticas rotineiras como:

leitura de textos, leitura compartilhada, historinhas, e além da tradicional leitura em voz alta. As rodas de conversa e a produção de textos orais, colocadas pelo docente Carol, pode ser vista como uma prática significativa, uma vez que, estimular o aluno a de fato produzir um texto oral, e apresentá-lo, favorece para que o mesmo quando o meio social, o contexto que ele estiver inserido exigir dele um texto que precisa usar da fala, por exemplo, uma entrevista, ele certamente saberá ou terá uma noção melhor de como se desenvolve tal ato, o que se pede, por um dia ter sido inserido em um contexto parecido. Muito embora alguns professores não tenham deixado claro que tipo de trabalho fazem, sobretudo quando afirmam trabalhar com textos ou com gêneros textuais, sem dizer quais, é importante destacar a prática contextualizada que cada professora menciona. Nesse sentido, cumpre acrescentar outras atividades, como debates, criação ou complementação de história, narrativas de fatos do cotidiano ou ainda a exposição oralizada.

Desse modo, de acordo com os PCNs de Língua Portuguesa (1998):

Cabe à escola a ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações, etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido “treinar” o uso mais formal da fala (BRASIL, 1998, p. 27)

Portanto, a escola tem um papel importante no quesito de inserir e preparar o aluno para as situações no meio social, sejam elas formais ou não. Sendo assim, práticas que favoreçam essa inserção, devem ser trabalhadas em salas de aula, não apenas as leituras em voz alta, contações de histórias, mas, os diversos gêneros textuais da esfera das práticas de oralidade que temos na nossa cultura.

Na pergunta 07, buscamos saber qual a opinião do professor quanto ao trabalho com a oralidade em sala de aula:

Questão 7	"Trabalhar com a oralidade em sala de aula é ensinar o aluno a falar." Comente sobre a seguinte afirmação.
Laura	Certamente. Pois este trabalho favorece ao aluno ampliar as condições de participação em diferentes campos de atuação ou atividades humanas
Sara	Não, a criança chega na escola dominando a fala
Lívia	As falas, as histórias, brincadeiras ajudam o aluno a ter um melhor desenvolvimento na linguagem, ampliando assim o seu vocabulário
Beatriz	Não. Somente ensinar o aluno a falar, mas pensar e socializar seus conhecimentos

Lucia	Na verdade, em sala de aula o aluno está desenvolvendo suas habilidades de aprendizagem de comunicação, de conhecimento e de convivência
Carol	Na verdade, na sala de aula propicia o aluno estar desenvolvendo suas habilidades de aprendizagem na escrita, na comunicação, saber ouvir e respeitar a opinião do próximo
Estela	Sim, de fato, o aluno quando mostra sua contribuição participativa, estimula seu desenvolvimento em oratória, pois está trabalhando a mecânica e o intelecto de falar
Maria	O uso da língua oral propicia para o aluno não apenas saber se comunicar com as diversas instâncias sociais, mas, sobretudo ensinar a saber ouvir
Bruna	A oralidade, na minha opinião, não pode ser comparada ao ensinar a falar, apesar de ser parecidas. A oralidade está relacionada ao saber se comunicar e expressar corretamente, pois muitas pessoas sabem falar, mas não sabem se comunicar. Então são duas situações diferentes. Como por exemplo, em uma apresentação de trabalho, todos pela lógica sabem falar, mas ao repassar os conteúdos trabalhados, no máximo um ou dois alunos saberão explicar e expressar corretamente os conteúdos apresentados
Lucas	Na verdade, é apenas uma das finalidades que agrega esse eixo, porém, a oralidade é muito mais que isso. Quando bem trabalhada
	pode promover diversas competências e habilidades aos alunos no que diz respeito à linguística
Felipe	É muito além do falar, é dar voz ao consciente da criança, criança que interagem e fala, é mil vezes mais fácil de se alfabetizar

Quadro 7: Opinião sobre o trabalho com a oralidade

Fonte: Entrevista

A comunicação oral em sala de aula vai muito além do “ensinar o aluno a falar.” No questionário, obtivemos duas respostas concordando com tal afirmação. Por outro lado, uma visão de que a oralidade propicia no quesito comunicação, participação em diferentes campos, melhor desenvolvimento linguístico, convivência, escuta e interação, foram opiniões colocadas.

De fato, o trabalho com o gênero oral em sala de aula não é ensinar o aluno a falar, falar ele já sabe. Ele precisa aprender a se comunicar. Acerca do papel da escola, o documento PCN das Séries Iniciais (1997) comenta:

Não é papel da escola ensinar o aluno a falar: isso é algo que a criança aprende muito antes da idade escolar. Talvez por isso, a escola não tenha tomado para si a tarefa de ensinar quaisquer usos e formas da língua oral. Quando o fez, foi de maneira inadequada: tentou corrigir a fala “errada” dos alunos – por não ser coincidente com a variedade linguística de prestígio social –, e com a esperança de evitar que escrevessem errado. Reforçou assim, o preconceito contra aqueles que falam diferente da variedade prestigiada (Brasil, 1997, p. 48-49)

E, a docente Bruna nos reforça isso, ao relacionar a oralidade com o saber se expressar corretamente, quando for necessário, afinal, muitas pessoas sabem falar, mas não se comunicam. O que se configura sendo duas situações distintas.

Questão 8	Para você, o meio em que o aluno está inserido contribui para o desenvolvimento de habilidades comunicativas do aluno?
Laura	No meio educacional sim, pois os professores estão sendo capacitados para esse objetivo. Agora, o meio familiar esse varia muito de pessoa para pessoa
Sara	Sim
Livia	Sim
Beatriz	Com certeza o meio que o ser humano está inserido contribui significativamente para o seu desenvolvimento
Lucia	Sim
Carol	Sim
Estela	Concordo, pois calcado no pressuposto de que o aprender envolve não só os aspectos cognitivos, mas também os emocionais e os sociais, o meio em que o aluno convive foca a compreensão das interrelações entre o desenvolvimento das habilidades socioemocionais e o processo de ensino e de aprendizagem
Maria	Sim, o lugar que o aluno está inserido reflete diretamente em todo desenvolvimento
Bruna	Sim, a partir da sua realidade fica mais fácil trabalhar essas experiências em sala de aula
Lucas	Diretamente não, todavia faço o possível para que eles saiam ganhando, pois professor sempre dá um jeito

Quadro 8: Meio social e

Fonte: Entrevista

Mediante os dados obtidos, a opinião dos participantes da pesquisa é de que o meio em que o aluno está inserido contribui sim para o desenvolvimento de habilidades comunicativas dos alunos. Destacando a resposta do docente Estela, que reforça o aprendizado como sendo envolvido por diversos fatores, como os fatores sociais, emocionais e cognitivos, como aspectos que desenvolvem habilidades.

Um outro ponto que merecemos destacar é que, a partir do conhecimento da realidade que se vive, o trabalho em sala de aula se torna mais favorável, como bem coloca o docente Lucas. Em vista disso, se o meio em que o aluno está inserido, no caso o meio educacional, for composto por situações, práticas que o favoreça nos aspectos linguístico, certamente as suas habilidades comunicativas serão desenvolvidas e aguçadas.

Nesse contexto, é interessante destacar o comentário de Marcuschi (2010):

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais formal à mais informal nos mais variados contextos de uso (MARCUSCHI, 2010, p. 25)

Sendo assim, se a oralidade é vista como sendo prática social para os fins comunicacionais, inserir o aluno em um meio que contemple o desenvolvimento de tais habilidades, fornecerá o mesmo dentro da sua realidade.

Questão 9	Além de contribuir na construção do sujeito, na sua opinião, qual a importância de se trabalhar com o eixo oralidade em sala de aula?
Laura	É de suma importância para a construção do conhecimento
Sara	O eixo oralidade torna o processo mais eficaz ao propiciar situações dinâmicas e envolventes por meio das quais os alunos podem explorar e desenvolver seu instrumento comunicativo e social
Lívia Beatriz	É importante, porque o aluno organiza seus pensamentos, e é capaz de participar de outras práticas sociais
Lucia	A oralidade desempenha um papel muito importante no que diz respeito ao desenvolvimento das habilidades como leitura e escrita,
	isto se dá em função da capacidade de aprender desenvolvida através do ouvir
Carol	A oralidade tem um papel muito importante no que diz respeito ao desenvolvimento das habilidades como leitura, escrita. Por meio das quais os alunos podem explorar e desenvolver seu instrumento comunicativo e social
Estela	A importância se dá pela aptidão de impor sua opinião crítica
Maria	Podemos observar que, o trabalho com a oralidade é uma peça importante no processo educativo. As ações educativas tornam o processo mais eficaz ao propiciarem situações dinâmicas e envolventes, por meio das quais os alunos podem explorar e desenvolver seu instrumento comunicativo
Bruna	A oralidade é um eixo muito importante, pois irá contribuir para o desenvolvimento futuro desse aluno
Lucas	A oralidade pode promover diversas contribuições, as habilidades comunicativas são as mais benéficas, pois com elas, os alunos conseguem desenvolver e aprimorar as demais
Felipe	Importante, além de alfabetizar crianças, estamos construindo grandes formadores de opinião

Quadro 9: Importância de trabalhar a oralidade

Fonte: Entrevista

Desenvolver instrumentos comunicativos, social, interação, participação social, desenvolvimento de habilidades, todos esses pontos são apresentados como importantes. Os docentes Estela e Felipe, nos lembram que: estamos formando grandes formadores de opinião e críticos. E, preparar nossos alunos para esse mundo que exige capacidades, boa comunicação

e posicionamento, torna-se pertinente. Em vista disso, aguçar essas habilidades comunicacionais desde a base, faz-se necessário mais ainda.

O contexto que vivemos tem exigido muitas competências, seja para ouvir, ser, fazer ou falar. Esse mesmo contexto pede uma entrevista, que você tenha uma boa oratória, uma apresentação de seminário, ou uma defesa de monografia, e, essas situações exigem preparo e confiança, o que a escola pouco tem feito.

A Base Nacional Comum Curricular (2017), acerca dessa participação crítica, ressalva:

Cabe ressaltar, reiterando o movimento metodológico de documentos curriculares anteriores, que estudos de natureza teórica e metalinguística - sobre a língua, sobre a literatura, sobre a norma padrão e outras variedades da língua - não devem nesse nível de ensino ser tomados como um fim em si mesmo, devendo estar envolvidos em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem (BRASIL, 2017, p. 71)

Portanto, o trabalho com a oralidade em sala de aula é urgente, há muito que se realizar ainda para termos cada vez mais pessoas com capacidade crítica, comunicativa e social.

Questão 10	“A oralidade foi esquecida e aluno bom é, até hoje, aluno calado.” Você concorda ou discorda da seguinte afirmação? Por que?
Laura	Na escola que trabalho a oralidade não foi esquecida tanto durante a aula quanto nos projetos realizados todos os anos (exceto na pandemia)
Sara	Não, aluno tem que interagir com os demais
Lívia	Não. O aluno tem que interagir na sala dando sua opinião sobre o assunto em discussão, trocando ideias e ajudando uns aos outros
Beatriz	Discordo, pois aluno calado não expõe suas ideias
Lucia	Discordo. Porque ser um aluno calado, não significa que ele é bom. Para o professor saber o que o aluno já sabe ele precisa expor, ou seja, falar o que aprendeu
Carol	Discordo. Aluno bom não é aluno calado, ele precisa expor, falar o que aprende
Estela	Discordo, existe a hora certa do aluno falar, mas o professor tem que ser o mediador
Maria	Discordo, porque a linguagem oral é um dos aspectos fundamentais de nossa vida, pois é por meio dela que nos socializamos, construímos conhecimentos, organizamos nossos pensamentos e experiências
Bruna	Discordo. Até porque aluno bom é aquele que se expressa em sala de aula, dando sua opinião a determinados assuntos e deparar com alunos calados acaba que não exigindo ele pensar e refletir as situações em classe. Pois para este tipo de aluno tanto faz tanto fez, será tudo bom

Lucas	Discordo. A oralidade serve exatamente para se trabalhar esses alunos nessa realidade. A partir de práticas pedagógicas atrativas, os alunos podem se envolver e interagir cada vez mais
Felipe	Aluno bom é aluno que fala, que comenta, expõem dúvidas sem ter medo. Se ficar calado não tem como diagnosticar esse aluno

Quadro 10: Aluno bom é aluno calado?

Fonte: Entrevista

O docente Maria nos diz que a linguagem oral é um dos aspectos fundamentais em nossas vidas, por ser através dela que construímos, temos experiências e socializamos. Porém, em sala de aula, existem alunos que pouco interagem ou falam, e que, o professor considera o mesmo como sendo um bom aluno, justamente por, na visão dele, ser um estudante que não dá trabalho. Para os docentes participantes da pesquisa, o aluno bom, hoje, é justamente o que fala, se expõe, comenta, é ativo em sala de aula. No entanto, é importante destacar que nem sempre foi assim. É certo que existem alunos tímidos, vergonhosos, com dificuldade no aspecto comunicação e interação, desenvolver a capacidade de interagir e colocar seu ponto de vista publicamente é uma das tarefas da aula de língua materna, como repetidas vezes foi colocado neste trabalho. Para tanto, é justamente nesse ponto que o trabalho com a oralidade em sala de aula surge, para contribuir no desenvolvimento comunicativo dos alunos nessa realidade, como menciona o docente Lucas.

Aluno bom não é aluno calado, que silencia, e apenas obedece, o que se posiciona, critica, sugere, fala, é o melhor. E, o perfil desse aluno deve ser construído desde os anos iniciais. Assim como diz os PCN, que é importante que as situações de exposição oral frequentem os projetos de estudo e sejam ensinadas desde as séries iniciais, intensificando-se posteriormente (BRASIL, 1997, p. 51)

A construção do aluno habilitado no meio comunicativo é um processo contínuo e dinâmico, iniciando ainda na base, se estendendo por toda a vida. A fase do aluno calado sendo visto como bom já passou.

Questão 11	Na época em que você foi escolarizado, havia uma prática de ensino baseada na ideia da pedagogia do silenciamento? (onde o aluno bom é o aluno calado, quieto, e que silenciava)
Laura	Na minha época havia alguns professores que trabalhavam com a pedagogia do silenciamento. Isso ocorreu mais no Ensino Fundamental menor 1 ao 5 ano, já no Fundamental maior alguns professores já utilizavam algumas práticas de oralidade
Sara	Sim. Até hoje luto todos os dias tentando apagar as sequelas que essa prática deixou em mim
Lívia	Sim

Beatriz	Não
Lucia	Sim
Carol	Sim
Estela	Sim
Maria	Não, partindo do pressuposto que a oralidade é de suma importância no processo ensino aprendizagem, os professores utilizavam vários desafios ligados a busca por formações mais autônomas e menos silenciosas. Aprender é entender o outro, pois ninguém vive sozinho, nem os autores dos conteúdos estudados e nem os estudantes
Bruna	Não
Lucas	Sim. Na maioria das vezes eu tinha vontade de falar, mas infelizmente a timidez e a falta de incentivo do professor não me permitia a tal ato. Para eles, era melhor um aluno calado, pois dava menos trabalho
Felipe	Sim, sempre foi assim, aluno calado é aluno bom. Só que agora não tem mais volta, estamos construindo formadores de opiniões, que não se calam, que expõem suas dúvidas e medos

Quadro 11: Pedagogia do Silenciamento

Fonte: Entrevista

“Sim”, “Sim”, “Sim”, a pedagogia do silenciamento configura-se como uma prática que atravessa gerações, e que, a sua metodologia deixa sequelas e cicatrizes, como confirma a docente Sara. A dor, castigo foram tidas como forma de “ensinar”, ensino esse que ocorreu há muito tempo, mas, que veio bem próximo a nós.

O aluno calado, na visão do professor, era o bom aluno, que dava menos trabalho, como coloca o docente Lucas, assim como ele comenta ainda, sobre a timidez por parte dele e a falta de incentivo do professor para que ele pudesse se expressar, afinal, a ideia que se tinha do bom aluno, era de quieto.

Sobre o exposto acima, Santos e Ferrarezi Jr (2014) comentam:

E de pensar que sempre nos ensinaram que a ordem e o silêncio eram irmãos! O silêncio é antinatural em relação à vida. A morte sim é silenciosa. O coração faz barulho, assim como a respiração, símbolos maiores da vida em nossa cultura. Comer faz barulho, andar faz barulho, brincar e laborar faz barulho... digitar este livro faz barulho! Aprender o silêncio como regra da vida ou da vida escolar não somente é antinatural: é destruidor, é pernicioso! Silenciar a boca, a pena, os ouvidos e a mente é um crime contra a vida. Fazer crer que a ordem traz o silêncio é um atentado contra a humanidade (SANTOS; FERRAREZI JR, 2014, p. 15)

E, essa ideia de “ordem” que se pautou o “ensino”, criou uma multidão de alunos mudos, silenciados. Alunos esses que chegam à Universidade sem saber apresentar um seminário, um texto, escrever um artigo, resenha, que viraram cicatrizes por conta de um currículo que os silenciou. Contudo, estamos formando e construindo pessoas críticas, com opiniões, como

comenta o docente Felipe. A nossa é importante também. Santos e Ferrarezi Jr (2018), nos dizem que:

A língua é o instrumento mais poderoso e mais barato de transformação de qualquer sociedade. Quando todos entendermos isso, ouvir, falar, ler e escrever serão tratados como sagrados direitos de todo brasileiro e de toda brasileira, a escola será um ambiente de verdadeiro aprendizado e as práticas de silenciamento serão banidas de nossos sistemas escolares, tanto para alunos, como para docentes. A pedagogia da comunicação terá substituído a pedagogia do silenciamento e as causas da tristeza de pensadores como Graça Aranha e Mendez Fradique em relação ao ensino da língua materna terão sido superadas (SANTOS; FERRAREZI, 2018, p. 158)

Portanto, que chegue o momento que a pedagogia do silenciamento seja superada, e uma pedagogia comunicativa passe a ocupar os espaços das salas de aula brasileiras. As transformações que ocorrem atualmente na sociedade exigem dos nossos alunos nova postura, de questionamento, de participação, de ocupação por meio da fala, e a escola não pode se furtar dessa nova necessidade que o presente e o futuro reservam para os indivíduos. Nessa direção, a escola precisa colocar para si a meta de que sejam desenvolvidos indivíduos com habilidade crítica, comunicativa e que estejam preparados para ocupar os espaços sociais, e tenham posicionamento. Enquanto isso, façamos barulho, muito barulho, para que isso se concretize. E que esse dia chegue logo.

A partir dos dados da investigação de campo e da entrevista, na escola Maranhão Sobrinho, tanto na fala quanto na prática dos docentes, foi possível perceber atividades didáticas que foquem na oralidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do presente Trabalho de Conclusão de Curso foi realizar uma investigação acerca de atividades inerentes ao eixo oralidade em anos iniciais da Escola Maranhão Sobrinho, localizada no município de Timbiras, no Maranhão. A análise foi realizada mediante as respostas apresentadas pelos docentes da escola pesquisada, por meio do instrumento entrevista e observação de uma prática docente.

De início, o contato foi estabelecido com 11 professores da instituição, todos efetivos, e contabilizamos um total de 11 questionários devolvidos, e respondidas todas as 11 perguntas contidas no mesmo.

Mediante análise dos dados, constatamos que, apesar de ainda existirem dentro das salas de aula, a leitura em voz alta como sendo uma prática inserida de trabalho com a oralidade, por outro lado, tivemos o conhecimento de professores que inserem em sua metodologia, práticas

significativas no que se refere ao desenvolvimento de habilidades comunicativas dos alunos, como: palestras e a utilização de gêneros textuais.

Por isso, a partir das informações coletadas e apresentadas ao longo deste trabalho, podemos chegar à conclusão de que, o trabalho com o eixo oralidade, realizado por professores dos anos iniciais da Unidade de Ensino Maranhão Sobrinho, tem sido desempenhado, pois, práticas contempladas na BNCC, como: gêneros textuais, colocar o aluno em situações reais de uso da fala, como palestras, contação de histórias vividas, produção de textos orais vem sendo utilizadas.

Salientamos ainda, a visão dos docentes pesquisados acerca da utilização do eixo em sala de aula, reconhecendo a comunicação oral como fator importante para a construção do sujeito, bem como sendo capaz de desenvolver habilidades comunicativas e também social. Além de, também reconhecer a nova geração de alunos que estamos formando, uma geração de críticos, e formadores de opinião. Os professores participantes não estão mais vendo o aluno calado como sendo o bom aluno, como foi na época de sua passagem pela escola como alunos, mas, tendo uma ideia de aluno bom, hoje, como sendo aquele que fala, se expõe, e opina.

A pedagogia do silenciamento, por muito tempo, se configurou como sendo método de ensino, e, através dela, muitos de nós, fomos castigados e punidos, por meio da palmatória, escrever folhas completas de verbos, ou o milho atrás da porta. E, a partir disso, o silêncio pairou e mentes foram caladas. E, mais adiante, fomos parar em um nível mais a frente, que exigiu de nós habilidades comunicativas, mas, que não tínhamos desenvolvido, pois a escola falhou e nos silenciou em períodos anteriores.

Por fim, este trabalho teve o objetivo em identificar as práticas que vêm sendo desenvolvidas com os alunos em seus anos iniciais de experiência escolar, buscando conhecer como a construção das habilidades comunicativas dos alunos vêm sendo desenvolvidas na base, anos esses onde o perfil desse aluno começa a se formar. Buscando ainda, voltar um debate e a importância de se trabalhar com instrumentos que favoreçam no quesito comunicação e desenvolvimento das competências linguísticas, vendo a oralidade como sendo essencial assim como a escrita.

Trazendo para os dias atuais, na enorme e urgente necessidade de termos cidadãos críticos, com posicionamento, habilidades comunicativas, que façam uso da fala em situações sociais, buscar desenvolver essas habilidades é urgente. Contudo, é preciso reconhecer a língua como sendo de fato o instrumento poderoso para transformar uma sociedade, que a gramática normativa não ocupe todo o espaço dos currículos das nossas escolas, mas, que possamos

reconhecer e enxergar o ensino da língua materna na sala de aula brasileira, e no currículo, como sendo uma chave poderosa que pode fazer de nossos alunos, seres compreensivos, eficientes, comunicativos, civilizados, e, acima de tudo, críticos, e com voz, E que esse dia chegue logo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 19 jul. 2022.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para Séries Iniciais**. Brasília: MEC/CNE, 1997.

BUNZEN, Clecio. Fabricação da disciplina escolar português. **Revista Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 11, n 34, p. 885-911, set/dez, 2011.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernardo. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004, 278 p. (Tradução e organização: Roxane Rojo; Glaís Vendas Cordeiro)

FERRAREZI, Celso Júnior. **Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2014. 116 p.

FERRAREZI, Celso Júnior. **Discutindo linguagem com professores de Português**. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

FERRAREZI, Celso Júnior; TELES, Iara Maria. **Gramática do brasileiro: uma nova forma de ver a nossa língua**. São Paulo: Editora Globo, 2008.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização - 4 ed - São Paulo**, Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. 10 ed - São Paulo, Cortez, 2010.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. 2 ed. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artmed, 2005. 118 p.

ROJO, Roxane Helena. **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 200. 252 p.

SANTOS, Robson de Carvalho; FERRAREZI, Celso Júnior. **Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SHIGUNOV, Alexandre; SHIZUE, Lizete. **O ensino jesuítico no período brasileiro: algumas discussões**. Educar, Curitiba, n. 31, p. 169-189, 2008.

SHIZE, Lizete; SHIGUNOV, Alexandre. **A educação brasileira no período pombalino: uma análise histórica das reformas pombalinas do ensino.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 465 – 476, set/dez. 2006.

ELIAS, Vanda Maria. **Ensino de Língua Portuguesa - oralidade, escrita e leitura.** 1.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

SITES CONSULTADOS

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO



QUESTIONÁRIO

ENSINO DE ORALIDADE NOS ANOS INICIAIS

As questões que estão sendo apresentadas a você por meio deste questionário originam de um projeto de pesquisa sobre práticas de oralidade nos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa é oriunda do projeto de pesquisa EIXO ORALIDADE: INVESTIGANDO PRÁTICAS DE ATIVIDADES NOS ANOS INICIAIS EM TIMBIRAS - MA, da Coordenação de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Campus VII, Codó. A pesquisa possui métodos de pesquisa qualitativa e utiliza-se a técnica de entrevista por meio questionário como principais aspecto de coleta de dados e informações.

A pesquisa tem como principal objetivo discutir a respeito da utilização do eixo oralidade em sala de aula, bem como a importância da utilização desde os anos iniciais, e como o eixo contribui para a construção do sujeito, e para a sua vida em sociedade.

Informamos que são asseguradas as identidades dos nossos informantes: desse modo, todas as informações aqui coletadas são de uso único e exclusivo para trabalhos acadêmicos e as identidades e informações pessoais estão protegidos. Dessa forma, as informações dos participantes da pesquisa não são divulgadas nas publicações e nas apresentações de trabalho resultante da pesquisa.

Desde já agradecemos sua participação na pesquisa e sua colaboração conosco.

1. Qual é o nome da sua cidade/estado?
2. Qual nível escolar você tem experiência? (anos iniciais, finais)
3. Você conhece as orientações sobre o ensino de oralidade na BNCC?
4. Você trabalha com o eixo oralidade em suas aulas?
5. Na sua opinião, qual a finalidade de trabalhar a oralidade do aluno em sala de aula?
6. Quais metodologias, práticas de oralidade você utiliza em suas aulas?
7. "Trabalhar com a oralidade em sala de aula é ensinar o aluno a falar". Comente sobre a seguinte afirmação.
8. Para você, o meio em que o aluno está inserido contribui para o desenvolvimento de habilidades comunicativas do aluno?
9. Além de contribuir na construção do sujeito, na sua opinião, qual a importância de se trabalhar com o eixo oralidade em sala de aula?
10. "A oralidade foi esquecida e aluno bom é, até hoje, aluno calado". Você concorda ou discorda da seguinte afirmação? Por que?
11. Na época em que você foi escolarizado, havia uma prática de ensino baseada na ideia da pedagogia do silenciamento? (onde o aluno bom é o aluno calado, quieto, e que se silenciava)

